

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA CINEMATECA EM CHAMAS - HISTÓRIAS DE PROJEÇÃO E PROJECCIONISTAS
24 de janeiro de 2026

FIGHT CLUB / 1999
Clube de Combate

Um filme de David Fincher

Argumento: Jim Uhls, baseado no romance de Chuck Palahniuk / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor): Jeff Cronenweth / *Direção artística:* Chris Gorak / *Cenários:* Jay R. Hart / *Figurinos:* Michael Kaplan / *Música:* The Dust Brothers / *Montagem:* James Haygood / *Som:* Ren Klyce (desenho de som) / *Interpretação:* Edward Norton (o narrador), Brad Pitt (*Tyler Durden*), Helena Bonham Carter (*Maria Singer*), Meat Loaf (*Robert Paulson*), Zach Grenier (*Richard Chesler*), David Thomas (*Andrew*), Tim de Zarn (*Inspetor Bird*), Ezra Buzzington (*Inspetor Dent*), David Andrews (*Thomas*) e outros.

Produção: Ross Grayson Bell, Cean Chaffin e Art Linson, para Linson Films, Atman Entertainment, Knickerbocker Films e Taurus Films; distribuído pela 20th Century Fox / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 138 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 10 de Setembro de 1999 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Amoreiras, Fonte Nova, Monumental, Quarteto, São Jorge, Colombo, Olivais e Vasco da Gama), 12 de Novembro de 1999.

Pode ser divertido ler os *dossiers* de imprensa que são distribuídos quando os novos filmes são lançados. A distância entre a pretensão com que é explicado o projeto (as famigeradas “intenções do autor”) e a indigência do resultado pode suscitar boas risadas. Porém no caso de **Fight Club**, mais curioso do que ler a conversa da carochinha do realizador é ler as extrapolações a que um filme tão singelo quanto este – apesar da inegável fachada em abordar “assuntos sérios” para espectadores do nível mental da maioria dos seus personagens – suscitou naqueles que o analisaram. O interessado pode e até deve ler apenas os títulos dos artigos sobre o filme ou as poucas linhas que resumem os seus conteúdos, disponíveis na base de dados do Centro de Documentação desta cinemateca. Nestes artigos abundam os clichés “politicamente corretos” (passe o pleonasma) e as habituais baboseiras das análises universitárias americanas (passe mais uma vez o pleonasma). Vejamos alguns exemplos. Um artigo na sapiente *Lettre du Cinéma* sobre o filme intitula-se “Os Demiurgos Cegos”. Chissa, ena, faneca (*gee, my* ou *fuck* na língua de Brad Pitt e Chuck Palahniuk), estes homens que se esmurram sem motivo algum além da sua imbecilidade são demiurgos, isto é *deuses criadores* (*entre os platónicos*), se o dicionário não estiver errado. E como são cegos, supõe-se que criam às escuras, embora não se saiba bem o quê. Esta “cegueira” talvez seja uma alusão à caverna de Platão (afinal, se há uma frase de *Assim Falou Zarathustra* escondida em algum lugar dos diálogos do filme, então por quê não evocar Platão ou os pré-socráticos?), pois Nancy Bauer na obra coletiva *Film as Philosophy: essays in Cinema after Wittgenstein and Cavell* analisa o filme de David Fincher “considerando-o como um comentário de dois momentos revolucionários na história da Filosofia: a alegoria da Caverna de Platão e o «cogito» de Descartes, ambos expondo a infiabilidade espistémica da experiência sensível” (para não haver dúvidas, o artigo intitula-se “Cogito Ergo Film: Plato, Descartes and Fight Club”). Viram só? Há mais coisas entre dois murros do que supõe a nossa vã filosofia. E é evidente que não faltaram comentários mais do que previsíveis, do nível intelectual de uma badana de livro, sobre a relação de **Fight Club** com “uma crise histórica americana e a crise da masculinidade branca, ou seja, como duas instâncias de um corpo de representações culturais proliferantes que imaginam novas identidades e instâncias políticas masculinas” (“American Cinema, political criticism and pragmatism: a therapeutic reading of **Fight Club** and **Magnolia**”, incluído no volume coletivo *American film and politics from Reagan to Bush Jr*”).

Estes artigos existem mesmo, não foram tirados dos diálogos de algum filme de Woody Allen ou Pedro Almodóvar sobre pessoas que papagueiam “teorias” que não percebem muito bem. Mas é o que sempre acontece quando se analisa um filme com um enfoque de tipo universitário, no qual se parte de uma “grelha de leitura” e, por conseguinte, tenta-se tudo meter a martelo dentro desta grelha, ignorando sem hesitar aquilo que nem a marretadas poderá entrar. Neste tipo de análise, a tese precede a pesquisa e a conclusão precede a redação. No caso de um produto como **Fight Club**, é mais interessante saber que o realizador gastou muito mais película do que era costume: literalmente quatrocentos e cinquenta quilómetros de película (1500 latas de trezentos metros) para um filme de duas horas, isto é, cerca de 36 mil metros. E que o filme foi lançado em mil novecentos e sessenta e três salas de cinema nos Estados Unidos. Deu muitos lucros e teve tanto êxito que foi criado um vídeo game com o mesmo título, o que não é nada surpreendente: desde que os cineastas americanos desaprenderam surpreendentemente a narrar uma história, os filmes *mainstream* produzidos na Califórnia se parecem cada vez mais a jogos de vídeo: desta vez foi o jogo de vídeo que nasceu do filme, o que talvez tenha suscitado mais comentários sabichões, quem sabe sobre a imagem especular e coisas do género. A nível mais anedótico, saiba-se que os produtores não queriam que Helena Bonham Carter fizesse o único papel feminino digno de nota e que Meat Loaf, o doente que acabou com autênticas mamas femininas, fora imortalizado para o cinema em 1975 no breve papel de Eddie, o ex-estafeta que é morto a golpes de picareta em **The Rocky Horror Picture Show**. E não é nada surpreendente saber que entre os filmes preferidos do realizador está **Jaws** (cada um tem as referências cinéfilas que deus lhe dá), atestado de óbito do cinema americano *mainstream* enquanto cinema propriamente dito, triunfo dos filmes concebidos para serem vistos por espectadores de todas as idades em todos os países do mundo, nivelando-os não exatamente por cima e proclamando que isto é um ato de democracia cultural.

À parte isso, **Fight Club** é muito vagamente um filme sobre o abandono do “modelo capitalista” por parte de pessoas que trabalham em corporações que tratam de coisas cuja fragrância não é das mais agradáveis, como os seguros, pessoas que vivem no mundo dos condomínios e das “marcas”, que sentem-se obrigadas a terem sapatos e sofás de determinado modelo. Muito vagamente porque este abandono do modelo predominante, esta renúncia aos bens materiais supérfluos não desemboca numa espécie de voto de pobreza, compensado por uma vida mais rica do ponto de vista mental e espiritual. O tempo dos *hippies* e dos neo-rurais já passou, agora troca-se a violência da *corporate life* pela brutalidade pura e simples, pela manifestação mais básica da masculinidade, o uso da força física (sem excluir a automutilação), com tudo o que isto implica de obediência às regras de grupo, militares ou desportivas (e note-se que com a exceção de chefe Brad, todos são castos). Neste sentido, o filme é um reflexo autêntico dos tempos presentes, com a predominância de tudo o que é físico. A representação da cidade – uma metrópole americana não identificada – obedece à iconografia que se fixou definitivamente desde pelo menos o início dos anos 80 e **Blade Runner**: longe da metrópole racional do cinema e do urbanismo clássicos, estamos num espaço urbano sem centro, caótico, degradado, sempre noturno e habitado por tribos. Um espaço totalmente diferente do do *filme negro* americano, em que o perigo surge em meio ao espaço racional da cidade do século XX, que é fundamentalmente diferente do novo espaço da barbárie e da sua exaltação como modo de vida “alternativo”. Neste sentido, **Fight Club** é característico do período em que foi feito e o seu escasso valor cinematográfico (uns quarenta minutos de duração a menos só fariam bem ao filme e ao espectador) não cancela o verdadeiro interesse que terá para os sociólogos do futuro, que vinte e sete anos depois do filme ter sido feito já são os do presente.

Antonio Rodrigues

Texto reescrito conforme o Acordo Ortográfico, em conformidade com a Resolução n.º 8/2011 do Conselho de Ministros.